

JOGANDO NO TRABALHO OU TRABALHANDO COM O JOGO: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

JÚLIO CESAR NASÁRIO¹

TANIA REGINA RAITZ²

1-UNIDAVI – Rio do Sul/SC/Brasil

2-UNIVALI-Itajaí/SC/Brasil

julio@unidavi.edu.br

Introdução

O jogo e o exercício físico são os conteúdos da Educação Física Escolar (FREIRE & SCAGLIA, 2007). Os documentos diretrizes (SANTA CATARINA 1998; BRASIL, 1997) e estudiosos (DARIDO, 2012; SOARES, 1996) utilizam além desses, outros termos, como a dança, as lutas e a ginástica, por exemplo, para apontar o mote desta disciplina escolar. Contudo, dependendo da maneira que estas atividades são desenvolvidas, podem ser consideradas jogo ou exercício. O jogo é subjetivo, imprevisível, aberto para possibilidades de atuação. O exercício é objetivo, previsível, fechado no seu planejamento, é organizado por séries e repetições. Portanto, o entendimento de exercício se assemelha ao entendimento de trabalho. Assim, tanto a dança quanto a luta e a ginástica podem ser jogo ou exercício/trabalho, pois a prática pedagógica do professor é que vai caracterizar a aula.

As necessidades e os interesses do aluno exigem do professor propostas de jogos coletivos que possam mobilizar e desenvolver habilidades sociais (saber competir e cooperar), habilidades e capacidades motoras (equilíbrio e velocidade), habilidades intelectuais (táticas e estratégias), habilidades perceptivas (noção de tempo e espaço) e ainda estimular a imaginação. Na Educação Física Escolar parece mais educativo jogar, entretanto, não descarta-se todos os tipos de exercícios.

O jogo é envolvente, cativa o jogador. Por ser o jogo um dos conteúdos nobres e presente no cotidiano das aulas de Educação Física Escolar, estaria ele encantando também o professor? Se a aula é vigorosa, se o professor perde a noção de tempo emaranhado no jogo tendo-o como ferramenta viável a educação, poderíamos afirmar que o professor joga no trabalho. Se a aula é cansativa, se o professor conta os minutos que faltam para terminar o expediente e não se envolve na magia da atividade, poderíamos afirmar que ele trabalha com o jogo.

O trabalho é uma atividade, cujo fim é utilizar as coisas naturais ou transformar o ambiente e atender as necessidades humanas, implicando em necessidade e esforço (ABBAGNANO, 1998).

Este estudo tem como objetivo investigar a percepção do professor de Educação Física Escolar na sua prática pedagógica, diante da possibilidade de estar trabalhando ou jogando na sua atividade profissional. Este fato se justifica pela oportunidade de contribuir para um projeto maior que pretende pesquisar o tema com mais amplitude e profundidade, dentro de um programa de pós-graduação, visando a construção de um conhecimento válido a educação.

Metodologia

A base epistemológica do estudo está pautada na teoria do jogo e nas teorias do trabalho que implicam na área da educação e do trabalho. A pesquisa é de caráter quali-

quantitativa, pois analisa percepções de jogo e trabalho dos professores da rede municipal de ensino de uma cidade da região do Vale do Itajaí.

O instrumento para coleta de dados foi um questionário aplicado no dia 23 de julho de 2014, em momento de formação continuada com os docentes. Ao total, 21 (vinte e um) professores de Educação Física estavam presentes. Destes, 11 (Onze) do sexo masculino e 10 (dez) do sexo feminino. São 6 (seis) os professores que ainda estão cursando a graduação e os 15 (Quinze) formados atuam em média a 8 (oito) anos, contudo, concluíram a graduação a 5 (cinco) anos, em média, ou seja, muitos já atuavam na escola antes de ter concluído a formação inicial. Também é válido destacar que dos 15 (Quinze) professores formados 11 (Onze) são pós-graduados em nível de especialização.

Discussão dos dados

De início, é pertinente reconhecer a complexidade da tarefa proposta. Para Freire (2002, p. 69) “[...] os adultos, progressivamente envolvidos em compromissos, confundem de tal forma jogo e tarefas, jogo e trabalho, que é necessário admitir que dificilmente encontra-se uma forma pura de jogo nessa fase da vida”. Foram 17 (dezesete) os professores que apontaram a percepção de estar trabalhando e jogando na sua atividade profissional. Ou seja, apresentam percepções confusas quanto a sua prática pedagógica ao fato de estar trabalhando com o jogo e/ou jogando no trabalho, pois o jogo é proposto com frequência, sendo possível a participação do professor nas atividades.

Portanto, Freire (2002, p. 67) expõe “Excetando alguns casos no campo da pedagogia, em que, seguindo um plano, jogo e trabalho andam lado a lado, é preciso estar livre das obrigações objetivas para ter acesso ao jogo”. Cabe aqui destacar que nenhum professor registrou que apenas joga na sua prática pedagógica, o que pode ser compreendido. Para Freire (2002, p. 68) “Além de ser interior, tendendo para a subjetividade, para o mundo imaginário da fantasia, da simulação, tudo indica que o jogo só pode ocorrer na esfera do não necessário”. Para o mesmo autor “[...] podemos indicar o jogo também quando percebemos que a pessoa que está fazendo uma atividade não precisa estar fazendo-a, porque ela não seria objetivamente necessária”. O trabalho é um esforço necessário à sobrevivência, logo, o jogo na sua forma pura, não toma conta do trabalho deste grupo de professores. Ou seja, o professor não joga no trabalho.

Quando tratamos da definição de trabalho reportamos a sociedade grega. Arendt (1995 Apud RAITZ, 2003) fala da distinção entre labor e trabalho que denota os espaços público e privado que eram na Grécia antiga bem delimitados. Esta autora “busca na polis aquelas capacidades humanas que levaram o conhecimento do mundo fundado pelos gregos”. Em seu livro “A condição humana”, faz uma retrospectiva das condições que o homem recebeu conjuntamente com sua vida, num pertencimento, que conforme ela, vale em qualquer parte do globo e em qualquer tempo histórico.

Arendt (1995) parte do pressuposto da categoria marxista de trabalho, num esforço de aprofundamento, neste sentido, desenvolve seu pensamento num confronto constante com o ponto de vista antigo no que se refere ao valor reconhecido do trabalho, desta forma, empreende uma crítica a Marx, bem como da interpretação que esse faz da sociedade moderna. Em seus estudos expõe que as atividades que compõem a “vida ativa”, constituem três atividades que são normalmente confundidas nas interpretações: o labor, o trabalho e a ação. A autora desenvolve uma perspectiva que diferencia uma “vida contemplativa e uma vida ativa”, encontrada na tradição do pensamento filosófico e religioso. Conforme explica Arendt, a superioridade atribuída à vida contemplativa em oposição à vida ativa foi construída desligada da realidade, fazendo com que se ignorassem as diferentes formas de expressão desta.

Já a “condição humana do labor é a própria vida – metabolismo do homem com a natureza – que corresponde ao ciclo vital da natureza, atividade esta que estaria voltada para a sobrevivência da espécie, sem começo nem fim, movimento cíclico que perpassa geração após geração” (ARENDR, Apud RAITZ, 2003, p. 60). Seria uma atividade que se concretiza por meio de um movimento rotativo na obtenção dos meios de subsistência e no próprio consumo desses meios, movimento este que só termina com a própria vida – estaria assim submetido o animal laborans. A autora afirma que “[...] a condição humana do trabalho, por sua vez, tem sua característica fundada na mundanidade, corresponde ao artificialismo da existência humana”. Segundo Arendt (Apud RAITZ, 2003, p. 61),

O trabalho e seu produto, o artefato humano, são produtos de fabricação – objetos de uso e obras de arte que vão ocupar um lugar no mundo mantendo uma certa durabilidade, permanência e familiaridade – associados às mãos. Neste sentido, ganham independência em relação aos homens que com eles se relacionam, constituindo o mundo artificial em sua materialidade. Porém, os objetos de uso, para Arendt, diferentemente das obras de arte, que não possuem fins utilitários, estão mais submetidos ao desgaste do tempo. De acordo com esta pensadora, o trabalho, inversamente do labor, tem uma conotação violenta, naquilo que tem de destruidor da natureza, quando o homem a utiliza para a construção do artefato humano.

Portanto, o trabalho congrega as noções de instrumentalidade e de utilidade vinculadas à atividade da fabricação, formando um mundo utilitário, o “homo faber” realiza esta atividade - produção de objetos - excetuando as obras de arte, no isolamento, e destina-os ao uso privado. Desta forma, a condição humana da ação é a diversidade humana. Raitz (1995) trata a ação, distintamente do labor, que é realizado pelo homem como espécie, e do trabalho, que é atividade executada no isolamento, está pautada no conviver entre os homens que vêm ao mundo, cada qual como ser único, e traz a marca do imprevisível. O agir incorpora a expressão da iniciativa.

A ação fazendo parte da teia das relações humanas é apenas o início de um processo com desdobramentos imprevisíveis, em seu sentido não biológico é a própria manifestação da vida. Arendt (1995, Apud RAITZ, 2003, p. 62) menciona que “a ação coloca em movimento uma teia de relações humanas – medidas por vontades e intenções conflitantes – que, por sua vez, produz histórias, a história da vida de cada pessoa”.

Para este grupo ficou evidente que o trabalho se desenvolve pela *necessidade*, sendo que esta foi a palavra mais recorrente nas respostas apresentadas quanto ao conceito de trabalho. Palavras como *força, importante, tarefa, esforço, objetivos, exercício, planejamento, renda, remuneração, responsabilidade, normas e compromisso* também estão contidas nos pareceres dos professores.

O entendimento de trabalho para estes professores parece inclinado aos pactos sociais e a necessidade de manter-se vivo, na conotação biológica do ser, ao labor. Não poderia o trabalho destes professores transcender a ação, para quem sabe, contemplar a vida por meio da prática pedagógica?

Também ficou evidente, pelas evocações e seus sentidos, que percebem o jogo como conteúdo da Educação Física Escolar, como atividade que produz prazer, de socialização, que pode ser competitiva ou cooperativa, e com regras a serem cumpridas.

“Jogamos quando apenas jogamos” (FREIRE, 2002, p. 69). Sabedor desta realidade, o referido autor contribui para o entendimento das práticas do professor de Educação Física Escolar.

Considerações Finais

É preciso admitir que os dados ainda oferecem muitas possibilidades de análise, pois não foram cruzadas as informações sexo/tempo de formação/tempo de atuação/especialização com as respostas obtidas no questionamento quanto a percepção de estar jogando, trabalhando ou as duas situações simultâneas na atividade profissional. Estes dados poderão servir para estudos futuros.

Com as respostas obtidas foi possível identificar que o professor de Educação Física percebe-se trabalhando e jogando na sua atividade profissional, pois foi o apontamento de 17 dos 21 professores, sendo que os outros 4 apontaram a percepção de trabalho, ou seja, nenhum professor percebe-se como mais um jogador nas suas aulas.

Isto implica na compreensão de que este grupo de professores, nas suas percepções, não joga no trabalho, sendo o trabalho um esforço necessário a sobrevivência, tendo o jogo como conteúdo da Educação Física Escolar.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física**. Brasília: MEC/SEF, 1997

DARIDO, Suraya Cristina. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 51-75, v. 16.

FREIRE, João Batista; SCAGLIA, Alcides José. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2007.

_____. **O jogo: entre o riso e o choro**. Campinas: Autores Associados, 2002.

RAITZ, Tânia Regina. **Jovens, trabalho e educação: rede de significados dos processos identitários na Ilha de Santa Catarina**. (Tese de doutorado). Florianópolis-SC, Programa de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. 2003.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina**. 1998

SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, suplemento 2, p. 6-12, 1996.